

BREVE DISCUSSÃO SOBRE O CONCEITO DE PRÁXIS NA OBRA DE E. P. THOMPSON.

Diego Hernandés Nilson¹

INTRODUÇÃO

O objetivo deste breve ensaio é discutir a ideia do intelectual a partir da noção de práxis, no sentido conferido ao termo pelo marxismo, e particularmente no sentido em que o conceito se apresenta na obra de Edward P. Thompson. Embora o termo de práxis não seja explicitamente central na obra deste autor, postula-se que sua proposta envolve uma tentativa de retomar o desenvolvimento do marxismo como filosofia da práxis, frente à arremetida estruturalista que influi no marxismo ocidental na segunda metade do século XX (ANDERSON, 1988).

Nessa tentativa, o artigo destaca a importância que na constituição dessa nova compreensão da práxis assumem: o sentido histórico da práxis (THOMPSON, 1981a); a combinação da defesa do projeto transformador com a capacidade de criticá-lo (THOMPSON, 2010); e a superação do divórcio entre fato e valor postulado pelo marxismo estruturalista (MÜLLER, 2007).

O ensaio enfoca a crítica que Thompson (1981a) faz à obra de Louis Althusser, acrescentando questões inclusas em outros dos seus textos (1976, 2004, 2010) e comentários a sua obra (MÜLLER, 2007, 2010; MORAES e MÜLLER, 2007), a partir do ponto de vista do papel do intelectual marxista. Desta forma, é possível propor uma nova concepção da práxis, particularmente a efeitos desta análise, da práxis intelectual. A ideia de fundo é que a obra de Thompson representa uma resistência à reificação da teoria marxista como uma

¹Mestrando em Sociologia Política do PPGSP - UFSC. E-mail: diegohernandeznilson@gmail.com



dimensão da obra de Karl Marx diferenciável da prática (prática intelectual, ou prática política no sentido de Althusser [1971]), e destacável respeito desta.

Postula-se que a visão de Althusser da história como processo sem sujeito, muito criticada por Thompson, envolve intrinsecamente a diferenciação que o autor francês propõe entre “prática teórica” e “prática política” (ALTHUSSER, 1971), em relação à qual se aprofunda mais adiante. De fato, segundo surge da proposta de Thompson, são duas caras da mesma moeda, constituída pela negação de Althusser do elemento prático do marxismo, reduzindo o marxismo científico à dita prática teórica, auto-suficiente, e, portanto, autônoma da realidade social “conjuntural” (SANCHEZ VÁZQUEZ, 1998).

A disjuntiva entre práxis intelectual (entendida como o estudo científico integrado ao projeto transformador) e a prática teórica (entendida como uma atividade independente), fica ligada à tensão entre sujeito e estrutura. Karl Marx resume esta tensão no famoso paradoxo do primeiro capítulo de *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1937, p. 11, tradução nossa).

A tensão também fica presente na obra de Engels, particularmente na célebre carta a Ernest Bloch, na qual a tensão é resolvida com a famosa fórmula da “determinação em última instância”, etiqueta posteriormente utilizada por muitos marxistas. Em relação a esta carta, Thompson reconhece a dita tensão ao afirmar que o parceiro de Marx “Pelo menos não desestima a crucial ambivalência de nossa humana presença em nossa própria história, em parte como sujeitos e em parte como objetos, como agentes voluntários de nossas determinações involuntárias” (THOMPSON, 1981b, p. 145, tradução nossa). Claramente, a questão faz parte de uma boa quantidade das discussões marxistas contemporâneas:

Podemos ver isto imediatamente se refletimos sobre a permanente oscilação, sobre a potencial disjunção presente nos próprios escritos de Marx entre a atribuição do primeiro motor da mudança histórica, por um lado, à contradição entre as forças de produção e as relações de produção – pensemos na famosa Introdução de 1859 à Contribuição à crítica da economia política – e, por outro lado, à luta de classes – pensemos no Manifesto comunista-. (ANDERSON, 1988, p. 36, tradução nossa).

Deve-se esclarecer que o artigo não tenta apresentar-se como uma revisão exaustiva do conceito de práxis, nem da obra de Thompson, nem do debate deste com Althusser. Apenas é uma tentativa de expor alguns pontos da obra daquele autor, valorados como de grande interesse para abordar a questão da práxis.

1 O CONCEITO DE PRÁXIS

Cabe começar a análise com uma breve conceitualização da noção de práxis. Evidentemente, um estudo do conceito supera amplamente os objetivos e as dimensões deste trabalho. Estima-se fazer, porém, um breve repasso da trajetória do conceito (no marxismo, e além dele) para compreender que a contraposição de visões de Thompson e Althusser só é uma expressão concreta (num momento dado da história e no interior de uma tradição teórica relativamente recente) de um velho dilema, inerente à prática intelectual, entre a prioridade conferida ao papel contemplativo da realidade ou ao papel transformador.

Assim, é possível rastrear o conceito de práxis até a obra de Aristóteles, na qual é possível diferenciar dois sentidos conferidos ao conceito. Seguindo a interpretação proposta por Yarza (1986), por um lado, Aristóteles descreve na *Metafísica* um tipo de práxis que pode ser chamada de 'práxis perfeita', atividade contemplativa que procura o conhecimento ou a compreensão do mundo. A práxis perfeita é uma ação imanente, cujo fim fica nela mesma (ARISTÓTELES, 1995). Por

outro lado, na *Ética a Nicómaco*, o filósofo descreve uma 'práxis ética', definida em relação a fins morais diferenciáveis da prática, e que envolve um movimento transformador (*kinesis*) (ARISTÓTELES, 2003). Ou seja, já na antiguidade a reflexão intelectual avança na distinção entre dois tipos de mediação entre teoria e prática: aquela que só procura uma melhor compreensão da realidade, e outra que evita a distinção entre compreensão da realidade e ação transformadora sobre a realidade, conforme os valores do ator.

É neste marco que tem que ser compreendido o valor da práxis no marxismo, como mediação entre teoria e prática, mas sujeito a eventual ênfase numa ou em outra das partes. Assim, a definição básica desta mediação surge, por exemplo, na interpretação que Lowy (1973) faz da teoria da consciência de classe na obra de Lukács (1985). Segundo Lowy (1973, p. 14 – tradução nossa), a passagem da falsa consciência à consciência adjudicada consta de três etapas. Primeiro, a superação da falsa consciência a partir da “Aparição de uma consciência psicológica como uma determinada comunidade de sentimentos, pensamentos e ações (empiricamente comparável) que caracteriza ao proletariado que fique pronto para constituir-se e se opor às demais classes.”; segundo, a intervenção de “Um intelectual, saído das classes médias, que elabora, a partir destas aspirações e projetos informes, e a partir de um estudo científico da estrutura socio-econômica e dos processos históricos [...], uma *Weltanschauung* rigorosa, que desemboca numa práxis revolucionária.”; e terceiro e último, “A consciência adjudicada, [...], exerce enorme influência na consciência psicológica do proletariado, que se aproxima ou se afasta deste modelo, através de uma evolução histórica contraditória e acidentada.” (LOWY, 1973: p. 14, tradução nossa). O modelo refere, claramente, a uma práxis transformadora, na qual o papel mediador do intelectual entre prática e teoria obriga a este a se envolver na consciência psicológica do proletariado, assim

como a conceber seu papel em relação ao impulso à transformação social.

De outro modo, Althusser propõe a distinção entre prática teórica e prática política. A primeira refere à teoria como “[...] uma prática específica que se exerce sobre um objeto próprio e desemboca num produto próprio: o conhecimento” (ALTHUSSER, 1971, p. 142, tradução nossa). Esta prática é limitada à procura do conhecimento; sua contribuição à transformação só chega pela sua criação teórica, como forma específica do processo de transformação em geral. Pode-se identificar que dita “prática teórica” tem similitude com a “práxis perfeita” de Aristóteles mais do que com o modelo de práxis que emerge do modelo de Lowy. De outro lado, Althusser propõe a prática política definida como a prática transformadora numa conjuntura concreta, “[...], que como toda prática, produz transformações (que não são conhecimento, senão uma revolução nas relações sociais), [e que] pode existir e se desenvolver sem experimentar a necessidade de fazer a teoria de sua própria prática, [...]” (ALTHUSSER, 1971, p. 144, tradução nossa).

Desta forma, o modelo de Althusser no fundo envolve uma separação da teoria e da prática. Ainda utilizando o conceito de prática-teórica, na verdade ele não atinge a transformação da realidade social, além do conhecimento. De um lado, fica o intelectual e o estudo das contradições objetivas do capitalismo, de outro, o partido e a luta de classes. A relação entre ambas as partes fica limitada às conjunturas concretas nas quais o objeto (a realidade) opõe à luta uma resistência tal que esta não consegue adiantar, e vira necessário voltar a pensar seu método. Desta forma, a relação entre teoria e prática só acontece em conjunturas concretas e especiais, não é um processo constante.

Fazendo o esforço de conjugar o modelo de Lowy com a proposta de Althusser, a prática teórica aparenta só ter interesse na segunda etapa do modelo, quando intervém o intelectual, e ainda só

numa parte desta etapa, naquela mais estritamente teórica: o intelectual aprofunda o estudo da estrutura social. Seu único vínculo com o projeto de transformação é a capacidade de advertir o momento em que a contradição entre trabalho e capital é sobre-determinada pelas circunstâncias históricas concretas que a especificam (ALTHUSSER, 1971, p. 86), possibilitando “situações objetivamente revolucionárias” (ALTHUSSER, 1971, p. 76), nas quais (e só então) intervém o fator subjetivo: a vanguarda revolucionária, seja o partido, seja o líder.

Em face de esta visão, a concepção histórica da práxis em Thompson recupera em vários sentidos a importância da primeira etapa. Primeiramente, através da centralidade conferida à ideia da experiência no processo da construção da classe, e, fundamentalmente, do contexto histórico no qual esta emerge:²

Os estudos de Thompson valorizam a importância da práxis envolvendo práticas, experiências, aspirações e valores (comunitários, religiosos, etc.) da classe trabalhadora. Dessa forma, um dos aspectos fundamentais do método de Thompson é sua capacidade de formar objetivos e aspirações para aqueles submetidos a circunstâncias políticas adversas, mas que precisavam estabelecer e defender sua própria opinião política. Desse modo, para ele, um dos princípios básicos de uma análise reside na habilidade de articular a teoria a processos diferentes e em constante mudança. (MORAES e MÜLLER, 2007, p. 5).

Em segundo lugar, Thompson também recupera a importância da primeira etapa do modelo de Lowy ao conceber ela como um sucessivo novo ponto de partida. Assim, a passagem descrita do processo de conscientização, deve ser novamente elaborada a cada momento histórico. A ideia de que é possível o fracasso do projeto transformador para voltar a florescer as esperanças de mudança social na experiência de classe é resumida na valorização que o autor faz e da visão de William Morris sobre a luta social: “Para William

² Posteriormente, expõe-se a valoração - também mínima e conjuntural - que Althusser faz da experiência nas lutas sociais.

Morris o acento recai ainda mais fortemente na ação; mas os homens são vistos como agentes, sempre frustrados e sempre ressurgentes, de uma história não dominada.” (MORAES e MÜLLER, 2007, p. 5).

2 A PRÁXIS AMPLIADA I: PROJETO TRANSFORMADOR E CRÍTICA

A esta definição básica de práxis como mediação entre teoria e prática pode ser, entretanto, acrescentada duas questões, que consideramos substanciais na conceitualização do intelectual transformador. Primeiro, a práxis como mediação entre projeto transformador e crítica (crítica da situação sócio-histórica concreta, crítica do projeto transformador proposto e crítica da própria ação transformadora). Segundo, mediação entre conhecimento científico (particularmente a abordagem da realidade a partir do método do materialismo histórico) e conhecimento popular (particularmente a primeira etapa do modelo de Lowy, e a volta a esta depois de chegar ao limite na situação descrita na terceira etapa, a partir da experiência de classe na construção de sua identidade, numa interpretação da proposta de Thompson).

Sobre a primeira questão, a obra de Thompson, e sua própria trajetória pessoal, articulam de forma notável o modelo de práxis marxista sustentado na crítica. Primeiramente, emerge a importância do intelectual como responsável da crítica ao poder e à ação social organizada, fundada na razão humana, frente aos interesses parciais ou momentâneos. Durante seu ativismo na luta contra as armas nucleares, na década de 1980, Thompson critica a violência estatal e o atropelo aos direitos civis sustentados numa razão de Estado:

A luta de Thompson pelos direitos civis pode ser demarcada por sua oposição a quatro ações políticas básicas: o apelo do governo à ideia de “interesse da nação”, que legitimaria a aprovação de qualquer iniciativa do Estado; a intervenção do Estado no sistema legal; a administração e manipulação da *mídia* e a crescente tendência na direção de um estado de segurança, em que as vozes de oposição são

submetidas a dispositivos de constante vigilância, censura e repressão. (MÜLLER, 2010, p. 13).

Como resposta a esta apelação ao interesse da nação, a luta de resistência de Thompson em relação às armas nucleares sustenta-se na reafirmação do imperativo da razão humana, no contexto de uma causa humanista e pacifista. Esta contraposição que propõe entre razão humana e interesse da nação, e o papel do intelectual na defesa da primeira, remete-nos a explicação que oferece Pierre Bourdieu respeito à origem da figura do intelectual moderno, em base à ação de Emile Zolá de crítica ao Estado no caso de Dreyfus:

[...], é somente no final do século [XIX], no momento que o campo literário, o campo artístico e o campo científico acedem à autonomia, que os agente mais autônomos destes campos autônomos podem intervir no campo político como intelectuais [...], com uma autoridade fundada na autonomia do campo e em todos os valores associados a ele, pureza ética, competência específica, etc. [...]. Estes atos políticos de um tipo novo tendem a maximizar as duas dimensões constitutivas da identidade do intelectual que se inventa através deles, a 'pureza' e o 'compromisso', dando nascimento a uma política da pureza que é a antítese perfeita da Razão de Estado. Em efeito, implicam a afirmação do direito de transgredir os valores sagrados da coletividade [...], em nome de valores transcendentais aos da cidade ou, [...], em nome de uma forma particular de universalismo ético e científico que pode servir de fundamento [...] a uma mobilização coletiva de combate destinado a promover estes valores. (BOURDIEU, 2000, p. 189-190, tradução nossa).

Segundo, no Pós-Escrito ao seu estudo sobre William Morris (1976), Thompson mostra como o projeto ou modelo alternativo que guia a prática transformadora sempre fica sujeito a uma contingência histórica, na qual a ação concreta dos homens tem um papel definatório, onde a utopia tem um papel destacável como crítica ao risco de que uma leitura dogmática do “socialismo científico” derive num teleologismo.

Finalmente, em terceiro lugar, na sua carta a Leszek Kolakowski, Thompson (2010) mostra como a crítica do projeto nunca implica abandonar a utopia e a vontade transformadora. Reconhecer os erros na prática revolucionária não deve levar o intelectual a confundir sua prática, levando-a longe da práxis revolucionária. A crítica pode ficar mesmo dentro do exercício da práxis. Neste último ponto pensamos, no entanto, que se pode fazer uma breve digressão para assinalar um matiz pessoal: isto não deve nunca levar a minimizar a crítica.

Num interessante comentário ao intercâmbio entre Thompson e Kolakowski, por exemplo, Mario Duayer (2010) faz referência à “tragédia do stalinismo”. De fato, a carta de Thompson também faz repetidas menções aos excessos do período de Stalin a frente da URSS. Como explica, porém, Kolakowski em sua resposta a Thompson (KOLAKOWSKI, 2010), os excessos eram bem anteriores à assunção de Stalin. Pensamos, então, que atribuir apenas a Stalin a tragédia da URSS é um erro e uma minimização injustificável dessa crítica da qual se falava. E, nesse sentido, pensamos que tampouco pode-se compreender as referências de Thompson a um “comunismo libertário”, trazendo como exemplo disso os regimes socialistas do terceiro mundo (Iugoslávia, Egito, Tanzânia). Estes regimes, de fato, eram socialistas, e não comunistas (não respondiam à linha da III Internacional, por exemplo). Justamente, não é casual a aparição na Iugoslávia da década de 1960 do movimento da “Escola da práxis”, liderada por [Gajo Petrović](#), [Milan Kangrga](#) e [Mihailo Marković](#), onde se recolhe a herança da Escola de Frankfurt para insistir particularmente na importância da crítica ao projeto comunista: novamente, a importância da capacidade de crítica ao próprio projeto, na hora de pensar a práxis.

3 A PRÁXIS AMPLIADA II: CONHECIMENTO CIENTÍFICO E CONHECIMENTO POPULAR

Passando ao segundo componente assinalado da práxis, a relação entre conhecimento científico e popular, percebe-se novamente uma coerência entre a obra e a trajetória de Thompson. Ao centrar a análise na primeira, é interessante observar a atualidade de algumas de suas afirmações, nas quais insiste na necessidade de articular intelectuais e classes na própria prática acadêmica, ao fazer referência ao “[...] temor às multidões em 'a política', que reaparece como despreço ao trabalho manual entre os refinados e como desprezo à *práxis* na vida acadêmica, [...]” (THOMPSON, 1981, p. 159, tradução nossa).

Esta visão e a valorização da experiência na obra do autor contrastam, no entanto, com o papel conferido ao conceito de experiência por Althusser, para quem o assunto não faz parte da “prática teórica” do intelectual, senão da prática política do líder comunista. Assim emerge, por exemplo, ao falar dos textos de Lenin sobre a Revolução de 1917:

É necessário precisar o status destes textos. Não são textos de um historiador senão de um dirigente político, [...]. São, pelo tanto, textos de uso político direto, escritos por um homem comprometido na revolução, que reflete sobre sua experiência prática, no campo mesmo de sua experiência.” (ALTHUSSER, 1971: p. 145, tradução nossa).

Num sentido similar, também podemos insistir na importância que assumem na obra de Thompson a experiência e a cultura na construção da classe, e, portanto, na luta de classes, frente aos postulados puramente teóricos e mecanicistas que definem o conceito exclusivamente pela oposição entre trabalho e capital.

4 MISÉRIA DA TEORIA: A ARTICULAÇÃO ENTRE PRÁXIS E CRÍTICA

A práxis como crítica ao dogmatismo é a posição que prevalece na maior parte da obra de Thompson, fundamentalmente em relação à função do intelectual, e nesse ponto é que se fundamenta uma boa parte de suas críticas ao estruturalismo, e aos “marxistas” que no mundo inteiro participam da moda intelectual, esquecendo o primado do papel transformador. Desse modo, é interessante, por exemplo, a crítica à impossibilidade intrínseca da mudança no estruturalismo, que o deslegitima como teoria marxista “O vocabulário exclui a crítica antes que a crítica possa começar a atuar” (THOMPSON, 1981b, p. 130).

Também é interessante a sua contribuição para levar a crítica a um nível metodológico. Essa é uma das bases de obras como Miséria da teoria (1981a) e A formação da classe operária inglesa (2004). Os dois textos têm como objetivo levar ao campo metodológico a discussão a respeito da relação estrutura/sujeito no marxismo, geralmente desenvolvida no nível teórico. Além das diferentes posições na obra de Marx, também tiveram incidência definitiva nas posições dos intelectuais a influência que os Partidos Comunistas tentaram gerar sobre os intelectuais comunistas.

É neste duplo contexto (influência teórica do estruturalismo e influência ideológica dos partidos comunistas na leitura do Marx) que Thompson articula o debate em vários níveis: no plano teórico (são os homens produto de seu tempo e das estruturas sociais, ou são produtores da sua história? Que importância tem o fator subjetivo no avanço da revolução?), no plano ontológico (é a classe um produto da contradição capital/trabalho, ou da consciência coletiva?), e no plano metodológico (como estudar historicamente o processo de formação da classe?). Desta forma, a questão metodológica é colocada num nível de igual importância às teóricas e ontológicas, num debate tradicionalmente centrado na discussão teórica (ou filosófica) e política partidária (principalmente no interior dos partidos comunistas e das internacionais).

A partir desse interesse, Thompson (2004) explica que além da contradição trabalho/capital, a classe também tem que ser definida conforme a experiência e consciência, onde tradições, valores e idéias definem culturalmente a existência do coletivo com uma identidade de interesses. Assim, ainda quando “A experiência de classes é determinada, em grande medida, pelas relações de produção [...]” (THOMPSON, 2004, p. 10), é a experiência que possibilita avançar e chegar à consciência plena da posição, da necessidade de transformação e do projeto libertador.

Mas, para compreender a natureza ontológica da classe é necessário abordar o fenômeno a partir de um método histórico (conforme ao materialismo *histórico*), no qual os conceitos mudam, são dinâmicos, e relativos ao momento e a cultura nos quais sua manifestação é estudada. Isso acontece com uma boa explicação das diferenças entre o conceito de classe visto pela história como “uma formação histórica autodefinidora, e visto por Althusser e Nicos Puolantzas como uma categoria estática” (THOMPSON, 1981a, p. 57).

Esta discussão não fica desligada do debate sobre o papel do intelectual: no fundo, a discussão é também sobre se a verdade do marxismo fica na área da “prática teórica” de Althusser, no entendimento que “[...] a existência desta verdade fora sido assinalada, reconhecida há muito tempo, mas não conhecida. Já que o reconhecimento (prático) de uma existência não pode passar por seu conhecimento (ou seja, por sua teoria), exceto nos limites de um pensamento confuso” (ALTHUSSER, 1971, p. 135, tradução nossa); ou, pelo contrário, a verdade fica na área da práxis, num diálogo entre teoria e evidência empírica aberto à re-elaboração constante. O método histórico de Thompson opta pela última alternativa, embora reconheça a importância fundamental da teoria para definir as perguntas, e ainda “o sentido das perguntas”, baseado no “ponto de vista” do pesquisador (THOMPSON, 1981a, p. 51).

CONCLUSÃO

Estima-se que a obra de Thompson oferece numerosos elementos para avançar numa re-conceitualização da práxis, e nesse sentido é que constitui uma defesa da práxis marxista e uma resposta ao impulso estruturalista. Althusser força a divisão da práxis entre uma “prática teórica” e uma “prática política”, deixando a primeira etapa desligada do cotidiano da luta de classes, e limitando seu papel transformador ao maior conhecimento da realidade.

Novamente, esta concepção aparenta corresponder à práxis perfeita de Aristóteles, na medida em que faz ênfase na compreensão teórica, separada da ação transformadora do cotidiano. Estima-se que este tipo de enfoque fique perto do dogmatismo tradicional do comunismo, que desemboca frequentemente num desconhecimento da práxis:

[...] o critério da prática, [...] demonstra só a verdade objetiva de toda a teoria econômica-social de Marx em geral, e não desta ou a outra parte, formulação, etc. [...] A única conclusão que se pode obter da opinião compartilhada pelos marxistas, de que a teoria de Marx é uma verdade objetiva, é a seguinte: indo pela senda da teoria de Marx, aproximar-nos-emos cada vez mais à verdade objetiva (sem alcançar-lha nunca em sua totalidade); indo, em troca, *por qualquer outra senda*, não podemos chegar mais que à confusão e a mentira. (LENIN, 1971: p. 150, tradução nossa).

Pelo contrário, a práxis em Thompson tem um elemento histórico fundamental, contingente que subverte qualquer *a priori* teórico ou dogmático: a experiência permite converter as determinações objetivas em iniciativas subjetivas, a partir da conjunção do ser e da consciência, que permite ao sujeito ingressar na história, fazendo que a estrutura vire processo. Dessa forma, é possível verificar a verdade de um conhecimento, conforme a segunda tese sobre Feuerbach, pois “O problema de que se pode

atribuir ao pensamento humano uma verdade objetiva não é um problema teórico, senão um problema *prático*.” (MARX, 1971, p. 666).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **La revolución teórica de Marx**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.

ANDERSON, P. **Teoría, política e historia**. Madrid: Siglo XXI, 1985.

ANDERSON, P. **Tras las huellas del materialismo histórico**. México d. f.: siglo XXI: 1988.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Madrid: Espasa-Calpe, 1995.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicómaco**. Madrid: Alianza, 2003.

BOURDIEU, P. **Intelectuales, política y poder**. Buenos Aires: EUDEBA, 2000.

DUAYER, M. **Desencanto revolucionário, ininteligibilidade da história e apostasia da esquerda**: E. P. Thompson sobre L. Kolakowski. Materiais do curso Política e cultura (UFSC - PPGSP – SPO 9003), Documento de leituras nº 2, 2010, p. 148-169.

ENGELS, F. **Carta a Bloch**. En Königsberg. In: <http://www.pagina-libre.org/MPP-A/Textos/Marx/CartaBloch.html>. Consultado em outubro de 2011.

KOLAKOWSKI, L. **My correct views on everything**. Materiais do curso Política e cultura (UFSC - PPGSP – SPO 9003), Documento de leituras nº 2, 2010, pp. 123-147.

LENIN, V. I. **Materialismo y empirocriticismo**. Montevideo: Pueblos Unidos, 1971.

LOWY, M. **La teoría de la revolución en el joven Marx**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973.

LÚKACS, G. **Historia y conciencia de clase**. México: Grijalbo. 1985.

MARX, K. **El 18 brumario de Luis Bonaparte**” Madrid: Ediciones Europa – América, 1937.

MARX, K. Tesis sobre Feuerbach” em: MARX, K.; ENGELS, F. **La ideología alemana**. Montevideo: Pueblos Unidos, 1971.

MORAES, M. C. e MÜLLER, R. G.. **E. P. Thompson: e a Pesquisa em Ciências Sociais**. 31º. Encontro Anual da ANPOCS; Caxambu/MG; 2007; mimeo.

MÜLLER, R. G. “Revisitando E. P. Thompson e a “Miséria da Teoria”, em **Diálogos** (Revista do Programa de pós-graduação em História), Maringá: UEM, Vol. 11, n. 1, 2007, p. 97-136.

MÜLLER, R. G. **Missão Civilizatória e Exterminismo: um caso de Realismo Político**. Materiais do curso Política e cultura (UFSC - PPGSP – SPO 9003), Documento de leituras nº 3, 2010.

SANCHEZ VÁZQUEZ, A. **Filosofía, praxis y socialismo**. Buenos Aires: Tesis Once, 1998.

SANCHEZ VÁZQUEZ, A. “Marxismo y praxis”. In: **A tiempo y destiempo**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

THOMPSON, E. P. “Pós-escrito: 1976”. In: **William Morris: Romantic to Revolutionary**. London: Merlin, 1976.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981a.

THOMPSON, E. P. **Miseria de la teoria**. Barcelona: Crítica, 1981b.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004.

THOMPSON, E. P. **An open letter to Kolakowski**. Materiais do curso Política e cultura (UFSC - PPGSP – SPO 9003), Documento de leituras nº 2, 2010, p. 2-122.

YARZA, I. “Sobre la praxis aristotélica” **Anuario filosófico**. Vol. 19, Nº 1. p. 135-153, 1986.

RESUMO

O artigo discute as implicações do debate entre E. P. Thompson e L. Althusser em relação ao conceito de práxis na teoria marxista. Nesse sentido, se propõe um diálogo que abrange outros autores, analisando os sentidos de práxis, principalmente como mediação entre teoria e prática, mais também entre conhecimento científico e popular, e entre projeto transformador e crítica. O artigo conclui que surge da obra de Thompson uma compreensão da práxis envolvida de um sentido histórico, apoiada na ideia de experiência. Esta concepção permite resgatar o lugar do conceito na discussão marxista e superar a ameaça do dogmatismo.

PALAVRAS CHAVE: práxis; história; E. P. Thompson

ABSTRACT

The paper discusses the senses and significations of 'praxis' included in some Thompson's works, considering also others authors with whom this historian debate, like Althusser and Kolakowski. The concept is considerate at different significations: as a traditional mediation between theory and practice, but also between scientific and popular knowledge, and between transformation project and its critics. The paper concludes that the Thompson's works allow an especial comprehension of praxis, held by an historic sense of social transformation and the centrality assumed by the popular experience. This conception possibility recovers the category to the Marxist debate and overcome the threat of dogmatism.

KEY-WORDS: praxis; history; E. P. Thompson